

Sujeitos nulos em inglês L2¹

Joana Teixeira

Universidade NOVA de Lisboa, CLUNL

Abstract:

The present article investigates the acquisition of a core syntactic property – the ungrammaticality of null subjects in English – by advanced and near-native learners whose first languages are European Portuguese (EP), a null subject language, and French, a non-null subject language. Two experimental tasks were used: an untimed drag-and-drop task and a speeded acceptability judgement task. Results show that French speakers behave target-like across all tasks and conditions, but EP speakers do not. At an advanced level, they fail to reject expletive and [-animate] null subjects in the speeded task. Crucially, at a near native level, EP speakers behave fully target-like across all conditions and tasks. These findings indicate that the syntax of subjects may exhibit significant developmental delays depending on first-second language combinations, but is completely acquirable. Developmental problems are argued to result from the misanalysis of (some of) the overt expletive subjects in the L2 input. This proposal is supported by an exploratory follow-up experiment, whose results are presented and discussed in the article.

Keywords: adult L2 acquisition, end state, core syntax, null subjects, input misanalysis

Palavras-chave: aquisição de L2 por adultos, estado final, sintaxe, sujeitos nulos, problemas de análise de input

1. Introdução

Desde os anos 80, o parâmetro do sujeito nulo (PSN) tem sido objeto de muita investigação no domínio de aquisição de língua segunda (L2) (e.g., Al-Kasey & Pérez-Leroux, 1998; Hilles, 1986; Phinney, 1987; Rothman & Iverson, 2007a; Tsimpli & Roussou, 1991; White, 1985; e.o.). Os resultados dos estudos desenvolvidos até à data indicam que a sintaxe dos sujeitos é adquirida cedo em pares de línguas em que a L2 é uma língua de sujeito nulo (LSN) consistente² e a língua materna (L1) uma língua de sujeito obrigatório (LSO) (e.g., Al-Kasey & Pérez-Leroux, 1998; Pérez-Leroux & Glass, 1999; Rothman & Iverson, 2007a, 2007b), mas gera problemas nos pares em que a L1 é uma LSN e a L2 uma LSO, pelo menos, até um estágio avançado de aquisição (Judy, 2011; Judy & Rothman, 2010; Prentza, 2013; Prentza & Tsimpli, 2013). Dado que ainda nenhum estudo investigou como os falantes de LSN L1 - LSO L2 se comportam no nível mais avançado de proficiência que pode ser alcançado numa L2 – o nível quase nativo (Sorace, 2003) – permanece por esclarecer se este tipo de combinação de línguas dá origem a divergência permanente no domínio da sintaxe ou se a convergência com a L2 é possível, tal como prediz a influente hipótese de Sorace e Filiaci (2006) de que as propriedades estritamente sintáticas são totalmente adquiríveis numa L2.

No sentido de preencher esta lacuna, o presente artigo investiga a aquisição de sujeitos referenciais e expletivos por falantes avançados e quase nativos de inglês L2 que têm como L1 o português europeu (PE) (uma LSN consistente). Além destes falantes, participam neste trabalho três grupos de controlo: um grupo de

¹A investigação conducente a este artigo foi desenvolvida no âmbito do projeto de doutoramento “L2 acquisition at the interfaces: Subject-verb inversion in L2 English and its pedagogical implications”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através de uma Bolsa de Doutoramento individual (ref.ª PD/BD/52263/2013). Agradeço a Ana Madeira pelas suas úteis sugestões e comentários nas diferentes fases de desenvolvimento deste estudo. Agradeço também a todos os falantes nativos de francês, inglês e português europeu que participaram nas tarefas experimentais aqui apresentadas.

² As LSN consistente possuem flexão verbal rica e permitem sujeitos nulos quer expletivos, quer referenciais (e.g., PE, espanhol e italiano).



falantes monolíngues de inglês e um grupo avançado e outro quase nativo de aprendentes de inglês cuja L1 é o francês (uma LSO como o inglês). O objetivo do artigo é examinar se e, se sim, por que razão(ões) os falantes de LSN L1 – inglês L2 admitem sujeitos nulos referenciais e/ou expletivos nos níveis quase nativo e/ou avançado. O artigo está organizado da seguinte forma: a secção 2 descreve as propriedades dos sujeitos referenciais e expletivos em LSN e LSO. Na secção 3, resumimos os principais resultados de estudos prévios sobre a aquisição quer de LSN L1 – LSO L2, quer de LSO L1 – LSN L2. A secção 4 apresenta as questões de investigação, as predições, os participantes e o desenho experimental do presente estudo. Nas secções 5 e 6, descrevemos e discutimos os seus resultados. A secção 7 apresenta uma experiência exploratória que visa investigar uma hipótese que será levantada na secção 6, segundo a qual as dificuldades encontradas em PE L1 – inglês L2 têm (em parte) origem em problemas na análise dos expletivos realizados no input da L2. Por fim, as principais conclusões do artigo são apresentadas na secção 8.

2. Sujeitos referenciais e expletivos em línguas de sujeito nulo e de sujeito obrigatório

Como os exemplos (1) e (2) mostram, a disponibilidade de sujeitos nulos referenciais e expletivos é uma das propriedades que distinguem LSN, como o PE, de LSO, como o inglês e o francês.³

- | | | | | |
|-----|----|-----------------------------------|-----------------------------|-------|
| (1) | a. | i. Tu escreves muito bem. | ii. [-] Escreves muito bem. | [PE] |
| | b. | i. Tu écris très bien. | ii. *[-] Écris très bien. | [FR] |
| | c. | i. You write very well. | ii. *[-] Write very well. | [ING] |
| (2) | a. | i. *Ele nevou ontem. ⁴ | ii. [-] Nevou ontem. | |
| | b. | i. Il a neigé hier. | ii. *[-] A neigé hier. | |
| | c. | i. It snowed yesterday. | ii. *[-] Snowed yesterday. | |

Nos primeiros estudos sobre a sintaxe dos sujeitos (e.g., Burzio, 1986; Chomsky, 1981), a possibilidade de sujeitos referenciais e expletivos nulos era concebida como uma propriedade dependente de um valor positivo para o PSN, então visto como um macro-parâmetro com dois valores em aberto: um positivo e outro negativo. Desde a publicação dos trabalhos clássicos sobre o PSN, um vasto número de estudos tem vindo a mostrar que a tradicional divisão binária entre [+PSN] e [-PSN] não permite dar conta do comportamento de todas as línguas naturais. Tem sido mostrado que, além de LSN consistentes, como o PE, e de LSO, como o inglês, existem, por exemplo, LSN parciais, como o português do Brasil (PB), que permitem expletivos nulos, mas exigem que os sujeitos referenciais sejam expressos na maioria dos contextos (para uma lista completa dos tipos de LSN identificados na literatura, ver Roberts & Holmberg, 2010). Tendo em conta a evidência acumulada ao longo das décadas, é hoje claro que a disponibilidade de sujeitos referenciais e expletivos nulos não pode derivar de um único macro-parâmetro.

³ O inglês e o francês admitem sujeitos expletivos nulos e sujeitos referenciais de 1.^a e 3.^a pessoa nulos em estilos abreviados de escrita, em que, como Haegeman (1999: 132) explica, “pressures of economy seem to overrule the ‘core’ grammar”.

(i) a. Started raining this P.M. (*Carolyn’s diary*) (Haegeman, 2013: 89)
b. A very sensible day yesterday. Saw no one. Took the bus to Southwark Bridge... Saw a flight of steps down to the river. (*The diary of Virginia Woolf*) (Haegeman, 1990: 167)

(ii) a. Faudrait pas exagérer non plus
b. Suis allée au magasin. (Haegeman, 1990: 173)

Além de apenas ocorrerem em registos muito específicos, estes sujeitos nulos não se comportam, do ponto de vista sintático, como os sujeitos nulos de LSN como o PE. Por exemplo, só podem ocorrer em declarativas matriz (Haegeman, 1990, 1999, 2013).

⁴ O expletivo realizado é admitido em algumas variedades não padrão do PE (Carrilho, 2005). Na variedade padrão, o expletivo está limitado a usos enfáticos, como (iii), que são pouco frequentes.

(iii) **Ele** há coisas!



Em trabalhos recentes, vários autores (e.g., Biberauer, Holmberg, Roberts, & Sheehan, 2010; Sheehan, 2007) têm proposto que é necessário um conjunto de micro-parâmetros hierarquizados para captar a variação existente entre LSN. Num estudo aprofundado sobre sujeitos nulos em línguas românicas, Sheehan (2007: 304), por exemplo, propõe os seguintes micro-parâmetros: (i) o micro-parâmetro de interpretabilidade em PF – “I lacks/bears a *, where * requires the specifier of I to be spelled out at PF” – e (ii) o micro-parâmetro de concordância rica – “I lacks/bears an uninterpretable D-feature”.⁵ Segundo a autora, a possibilidade de expletivos nulos depende exclusivamente de um valor negativo para o parâmetro de interpretabilidade em PF. Em contraste, a possibilidade de sujeitos referenciais nulos depende não só de um valor negativo para esta condição de visibilidade em PF, mas também de um valor positivo para o micro-parâmetro de concordância rica. Por outras palavras, como era já proposto por Rizzi (1982, 1986), apenas os sujeitos referenciais nulos dependem de flexão verbal rica. Dado que, de acordo com o modelo de Sheehan, tanto os sujeitos referenciais nulos como os expletivos nulos dependem (em parte ou exclusivamente) de um valor negativo para o micro-parâmetro de interpretabilidade em PF, em última análise, é este o micro-parâmetro que, neste modelo, está na base das diferenças entre línguas como o PE e línguas como o inglês e o francês.

No presente artigo, adotamos o modelo do PSN proposto por Sheehan como modelo de trabalho, visto que se baseia numa análise detalhada de línguas românicas – o ramo linguístico ao qual pertencem o PE e o francês – e consegue explicar dois factos bem documentados na literatura. Um deles é a existência de línguas, como o PB, que permitem expletivos nulos, mas não têm nem flexão verbal rica nem sujeitos referenciais nulos (pelo menos, na maioria dos contextos em que LSN consistente os admitem – para detalhes, ver, por e.g., Sheehan, 2007). O outro é o facto de as línguas com sujeitos referenciais nulos terem também expletivos nulos. Esta correlação pode ser explicada da seguinte forma: se uma língua permite que os sujeitos referenciais não sejam foneticamente realizados, então não requer que Spec IP seja expresso em PF e, portanto, tem de admitir expletivos nulos.

Os sujeitos nulos referenciais e expletivos diferem não apenas quanto aos micro-parâmetros responsáveis pela sua (a)gramaticalidade, mas também quanto à sua distribuição. Como mostrado nos exemplos (1a) e (2a), enquanto os sujeitos expletivos são, tipicamente, nulos em LSN consistente, os sujeitos referenciais podem ser plenos ou nulos. A divisão de trabalho entre sujeitos referenciais plenos e nulos é determinada por fatores extra-sintáticos incluindo (para detalhes, cf. Lobo, 2013, 2016; Lobo & Martins, 2017):

i. *Fatores pragmático-discursivos* – enquanto os sujeitos nulos, tipicamente, ocorrem quando o tópico é mantido, como em (3a), os sujeitos pronominais plenos são produzidos quando há uma mudança de tópico, como em (3b). Estas diferenças a nível de produção são acompanhadas por diferenças a nível de interpretação. De acordo com a Hipótese de Posição do Antecedente (Carminati, 2002), os sujeitos nulos retomam o antecedente em Spec IP, que tende a ser interpretado como tópico. Já os sujeitos pronominais plenos, geralmente, retomam um antecedente não sujeito (o complemento ou um referente extralinguístico).

- (3) a. **A Maria_i** foi logo visitar a irmã_j quando [-]_{i/#j} chegou de viagem.
b. A Maria_i foi logo visitar **a irmã_j** quando **ela_{j/k/#}** chegou de viagem.

ii. *Fatores semânticos* – no PE e, possivelmente, noutras LSN, há uma tendência para que os sujeitos pronominais plenos sejam [+ animados] e para que os sujeitos pronominais que retomam antecedentes [- animados] sejam nulos (4) (Barbosa, Duarte, & Kato, 2005; Lobo, 2013, 2016; Morgado, Luegi, & Lobo, 2018).

⁵ No trabalho de Sheehan (2007), é proposto um terceiro micro-parâmetro, o do Caso nominativo forte/fraco. Este micro-parâmetro não é aqui discutido, porque não é diretamente relevante para o presente trabalho.



- (4) a. O João leu que **o tsunami de 2004**_i foi o desastre natural mais mortal da história. No total, **#ele**_i tirou a vida a 230 000 pessoas.
 b. O João leu que **Jack o estripador**_i é um dos criminosos mais famosos de sempre. No total, **ele**_i tirou a vida a 5 pessoas.

Além destes fatores extra-sintáticos, há um fator morfossintático que influencia, embora em menor grau, a distribuição de sujeitos plenos e nulos – a existência/ausência de ambiguidade na flexão verbal. Em línguas como o PE, quando a morfologia de concordância verbal é ambígua entre duas ou mais interpretações e estas são pragmaticamente plausíveis, como em (5), os sujeitos plenos tendem a ser preferidos aos sujeitos nulos, correspondendo o seu uso a uma estratégia de desambiguação. Note-se que, em frases como (5), em que o verbo *repita* é ambíguo entre uma interpretação de primeira e terceira pessoa do singular, o uso de um sujeito nulo é apenas marginalmente desadequado.

- (5) *O professor diz em aula:* O João falou baixo. Querem que eu / ele / #[-] repita a resposta?

Em suma, os sujeitos referenciais nulos diferem dos sujeitos expletivos nulos quanto à sua distribuição e aos micro-parâmetros que determinam a sua (a)gramaticalidade. Apesar destas diferenças, os dois tipos de sujeitos nulos parecem correlacionar-se da seguinte maneira: as línguas que permitem sujeitos referenciais nulos, tipicamente, admitem também sujeitos expletivos nulos. O inverso, contudo, não se verifica.

3. Estudos prévios sobre a aquisição de sujeitos em L2

Os sujeitos pronominais expletivos e referenciais têm sido muito investigados em aquisição de L2. Os estudos que se têm debruçado sobre pares de línguas em que a L1 é uma LSO como o inglês e a L2 uma LSN consistente (doravante, simplesmente, LSN) têm mostrado que os aprendentes de L2 adquirem sujeitos nulos relativamente cedo (e.g., Al-Kasey & Pérez-Leroux, 1998; Liceras, 1989; Pérez-Leroux & Glass, 1999; Rothman & Iverson, 2007a), mas tendem a exibir dificuldades quanto às condições discursivas que regulam a distribuição de sujeitos pronominais realizados, mesmo no nível quase nativo (e.g., Belletti, Bennati, & Sorace, 2007; Lozano, 2003; Madeira, Xavier, & Crispim, 2009; Sorace, 2016; Sorace & Filiaci, 2006). Estes resultados levaram à formulação da chamada Hipótese de Interface (HI) (Sorace, 2011; Sorace & Filiaci, 2006), uma hipótese que se tornou muito influente no domínio de aquisição de L2, segundo a qual as propriedades que são estritamente sintáticas são completamente adquiríveis numa L2, ao passo que as que envolvem a interface entre sintaxe e discurso/pragmática são uma área de opcionalidade permanente.

Enquanto, em LSO L1 – LSN L2, a sintaxe do sujeito é adquirida com facilidade, em LSN L1 – LSO L2, é uma fonte de problemas. Os poucos trabalhos que se têm debruçado sobre a aquisição deste tipo de combinações de línguas indicam que os falantes de LSN admitem sujeitos nulos em LSO como o inglês, pelo menos, até um nível avançado. Por exemplo, num estudo sobre sujeitos pronominais em inglês avançado, Judy e Rothman (2010) e Judy (2011) mostram que falantes nativos de espanhol (uma LSN) tendem a interpretar os sujeitos plenos do inglês segundo a *Overt Pronoun Constraint* (OPC) – uma restrição que determina que o pronome pleno de uma oração encaixada não pode retomar uma expressão quantificada na oração matriz, quando a alternância sujeito nulo/realizado é possível (Montalbetti, 1984). Judy e Rothman mostram ainda que, em contextos não OPC, os falantes de espanhol com nível avançado em inglês aceitam sujeitos nulos expletivos, mas tendem a rejeitar sujeitos nulos referenciais. Resultados semelhantes foram também obtidos por Prentza e Tsimpli (2013) num estudo sobre os estádios intermédio e avançado do processo de aquisição de inglês por falantes nativos de grego (uma LSN). Porém, aqui a assimetria entre sujeitos nulos expletivos e referenciais é menor: ambos são considerados aceitáveis, embora em graus diferentes.



Numa tentativa de explicar os efeitos de direcionalidade L1-L2 observados na aquisição da sintaxe do sujeito, Judy e Rothman (2010) e Judy (2011) defendem, em linha com o Modelo Transferência Total-Acesso Total de Schwartz e Sprouse (1996), que uma propriedade transferida da L1 permanece na interlíngua até que falhas no processamento do input da L2 desencadeiem a sua reestruturação, e recorrem às noções de *superset* e *subset*, introduzidas no domínio da aquisição da linguagem na década de 80 (e.g., Manzini & Wexler, 1987). Uma relação *superset-subset* ocorre quando uma gramática A é menos restritiva do que uma gramática B relativamente a um determinado fenómeno e a gramática menos restritiva (o *superset*) inclui todas as possibilidades da gramática mais restritiva (o *subset*). Judy e Rothman afirmam que, no caso do PSN, uma LSN como o espanhol é o *superset* de uma LSO como o inglês, porque a primeira língua permite tanto sujeitos plenos quanto nulos, enquanto a segunda apenas admite sujeitos plenos. De acordo com estes autores, nos pares de línguas em que a L1 é o *superset* da L2, uma interlíngua que fixe o PSN no valor da L1 consegue acomodar os sujeitos realizados no input da L2. Devido à ausência de falhas no processamento do *input*, a refixação do PSN para o valor da língua alvo torna-se difícil e, potencialmente, impossível. Nas combinações de línguas em que a L1 é o *subset* da L2, em contraste, é impossível que uma interlíngua com o valor da L1 para o PSN acomode os sujeitos nulos no input da L2, o que dá origem a falhas de processamento, que, por sua vez, levam os aprendentes a reestruturar as suas gramáticas e a convergir com a língua alvo. Judy e Rothman propõem que é por este motivo que a aquisição da sintaxe dos sujeitos é muito menos problemática nos pares LSO L1 – LSN L2 do que nos pares LSN L1 – LSO L2.

A proposta de Judy e Rothman tem, contudo, dois problemas. O primeiro é que se baseia numa visão macro-paramétrica do PSN que, como explicado na secção 2, tem vindo a ser abandonada e substituída por uma visão do PSN como um conjunto hierarquizado de micro-parâmetros. O segundo problema é que a proposta de Judy e Rothman não tem em conta que LSN e LSO não têm uma relação *superset-subset* no que diz respeito aos sujeitos expletivos.⁶ Como descrito na secção 2, uma LSN como o PE padrão, de uma maneira geral, só permite expletivos nulos⁷ e uma LSO como o inglês apenas admite expletivos expressos.⁸ Por outras palavras, as LSN não incluem a opção do inglês para sujeitos expletivos. Por isso, uma interlíngua que fixe os micro-parâmetros associados ao PSN nos valores da L1 não poderá acomodar os expletivos expressos que ocorrem no input da L2. A sua presença poderá, assim, constituir evidência positiva de que o inglês fixa um valor positivo para o micro-parâmetro de interpretabilidade em PF (i.e., exige que a posição canónica de sujeito seja foneticamente realizada) e de que, por conseguinte, não admite sujeitos nulos.⁹

A ideia de que os expletivos expressos podem desencadear a refixação do PSN não é nova. Foi originalmente proposta por Hyams (1986), a fim de explicar como, na aquisição de inglês como L1, as

⁶ Embora seja verdade que, de um ponto de vista estritamente sintático, LSN e LSO estão numa relação *superset-subset* quanto a sujeitos referenciais, quando consideramos fatores extra-sintáticos, a ideia de que uma LSN é o *superset* de uma LSO quanto a este tipo de sujeitos é também discutível. Note-se que, nos contextos em que o inglês usa sujeitos referenciais plenos, línguas como o PE não usam sujeitos plenos e nulos aleatoriamente. Há preferências claras (mas não categóricas), que são determinadas por fatores pragmático-discursivos, semânticos e morfossintáticos (ver secção 2). Em alguns casos, os sujeitos plenos são preferidos, enquanto que, noutros, os sujeitos nulos são a escolha preferida. No entanto, como os sujeitos referenciais plenos e nulos são sempre gramaticais em LSN e a sua distribuição é, essencialmente, uma questão de preferência, a presença de um sujeito pleno na L2, mesmo num contexto que favorecerá um sujeito nulo na L1, pode não ser suficiente para causar falhas de processamento. O sujeito referencial pleno pode ser acomodado pela gramática mental do aprendente, ainda que esta tenha características de uma gramática de sujeito nulo. Isto não constitui, assim, um problema para a proposta de Judy e Rothman (2010) e Judy (2011).

⁷ Como descrito na nota 3, na variedade padrão do PE, por exemplo, o expletivo *ele* não é completamente rejeitado, mas está limitado a usos enfáticos muito pouco frequentes (e.g., ‘ele há com cada um’), que não correspondem aos usos do expletivo em inglês.

⁸ O inglês apenas admite sujeitos expletivos nulos (em declarativas matriz) em estilos abreviados de escrita, como o usado em diários (ver nota 2). Estes não são, assim, parte da gramática nuclear (*core grammar*) do inglês. Como Haegeman e Guéron (1999: 63) explicam, “the ‘core grammar’ of a language [...] governs the unmarked registers or styles, and ‘peripheral grammars’ [...] govern special registers or styles”.

⁹ Recorde-se que a gramaticalidade de sujeitos nulos quer referenciais, quer expletivos depende (num caso em parte e noutro no todo) do micro-parâmetro de interpretabilidade em PF.



crianças, que inicialmente passam por uma fase de sujeito nulo, refixam o PSN no valor alvo. Crucialmente, quando aplicada à aquisição de L2, esta proposta prediz, contra a hipótese de Judy e Rothman (2010) e Judy (2011), que a transferência dos valores do PSN da L1 para L2 não deverá constituir um obstáculo intransponível em pares de línguas em que a L1 é uma LSN e a L2 uma LSO.

Dado que, até hoje, nenhum estudo investigou se, em LSN L1 – LSO L2, os sujeitos nulos são ou não admitidos num nível quase nativo, não é ainda claro se, neste tipo de pares de línguas, a sintaxe do sujeito é uma área de divergência permanente, como sugerido por Judy e Rothman (2010) e Judy (2011), ou se a convergência com a L2 é possível, conforme predito pela HI e pela proposta de Hyams (1986) de que os expletivos realizados constituem evidência positiva de que a posição canónica de sujeito tem de ser foneticamente realizada em inglês. Os resultados dos estudos prévios sobre a aquisição do PSN em L2 apenas nos permitem concluir que a refixação do PSN é mais problemática quando o aprendente vai de uma gramática de sujeito nulo consistente para uma gramática de sujeito obrigatório do que quando faz o percurso inverso.

4. O presente estudo

4.1. Questões de investigação e predições

À luz do atual estado da arte, formulámos as seguintes questões de investigação:

- i. Será que a aquisição da sintaxe dos sujeitos pronominais (referenciais e/ou expletivos) em inglês gera problemas a falantes de uma LSN como o PE, mas não a falantes de uma LSO como o francês?
- ii. Será que a sintaxe dos sujeitos é totalmente adquirível em inglês L2, mesmo quando a L1 dos aprendentes é uma LSN?

A proposta de Judy e Rothman (2010) e Judy (2011) (cf. secção 3) prediz que os falantes de francês terão um desempenho alvo, ao passo que os falantes de PE aceitarão (pelo menos, alguns tipos de) sujeitos nulos nos níveis avançado e quase nativo, exibindo, assim, divergência em relação à L2 a nível sintático. Em contraste, a HI (Sorace, 2011; Sorace & Filiaci, 2006) prediz que a sintaxe dos sujeitos não gerará qualquer tipo de problema a falantes quase nativos, independentemente de a sua L1 ser semelhante ou diferente da L2. Esta hipótese não exclui, porém, a possibilidade de o fenómeno em estudo causar dificuldades num estágio avançado de desenvolvimento. À semelhança da HI, a proposta de Hyams (1986) de que os expletivos expressos constituem evidência positiva de que a posição canónica de sujeito tem de ser foneticamente realizada em inglês prediz que a convergência total com a L2 deverá ser possível em todos os pares de línguas testados, ainda que possa ocorrer tardiamente.

4.2. Participantes

Participaram neste estudo 26 falantes monolíngues de inglês, 26 falantes de inglês L2-francês L1 e 28 falantes de inglês L2-PE L1. Os falantes nativos de inglês eram estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 52 anos, que viviam, à data do estudo, na Escócia e não tinham proficiência avançada em qualquer outra língua, apesar de terem aprendido, pelo menos, uma L2 durante o seu percurso escolar. Os falantes nativos de PE e de francês eram estudantes universitários que começaram a ser expostos ao inglês em contexto escolar entre os 8 e os 13 anos, mas só passaram a ter uma exposição mais intensa a esta língua na adolescência. Tendo em conta estes factos, e assumindo com Meisel (2008: 59) que os indivíduos que começam a ter exposição a uma L2 numa idade igual ou superior a 8 anos são aprendentes “adultos”, todos os



falantes não nativos de inglês que participaram no presente estudo podem ser classificados como aprendentes adultos de L2. Estes falantes foram divididos em quatro grupos: (i) um grupo de franceses com nível avançado em inglês ($n=15$), (ii) um grupo de franceses com nível quase nativo em inglês ($n=11$), (iii) um grupo de portugueses com nível avançado em inglês ($n=17$) e (iv) um grupo de portugueses com nível quase nativo em inglês ($n=11$). Os detalhes sobre o perfil sociolinguístico de cada grupo são apresentados na tabela 1.

Grupo	Idade		Idade de início de exposição regular ao inglês		Anos de aprendizagem do inglês		Anos de residência em países anglófonos	
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão
PE L1 - ING L2								
Quase nativos	31.09	9.23	9.09	1.08	12.64	3.42	3.47	4.85
Avançados	24.88	8.86	8.94	1.26	10.06	2.44	0.60	0.89
FR L1 - ING L2								
Quase nativos	21.73	2.60	11.09	1.38	8.36	2.67	3.73	3.29
Avançados	21.00	1.59	9.33	1.66	11.27	2.05	0.93	0.39

Tabela 1: Dados biográficos sobre os falantes de inglês L2

O nível de proficiência dos falantes de inglês L2 foi avaliado através de uma versão adaptada do procedimento de seleção usado por Sorace e Filiaci (2006), que foi originalmente desenhado por White e Genesee (1996). No âmbito desta avaliação, todos os participantes foram entrevistados individualmente em inglês durante 10 minutos. Na entrevista, foram usados *cartoons* para induzir produção espontânea sobre um leque variado de tópicos. Uma amostra da produção de cada participante (com cerca de 2 minutos) foi, subsequentemente, selecionada, de modo aleatório, e avaliada por três falantes monolíngues de inglês (britânico) com algum treino em linguística, tendo em conta os seguintes critérios: pronúncia, morfologia, sintaxe, vocabulário, fluência e impressão geral. Na grelha de avaliação dada aos avaliadores, cada critério era acompanhado de uma linha contínua de 9 cm, com a designação “não nativo” na ponta esquerda e “nativo” na ponta direita, devendo o avaliador assinalar com uma cruz o grau de proximidade do excerto ao nível nativo. Para assegurarmos que a ponta nativa da escala era interpretada tendo como ponto de referência verdadeiros falantes nativos de inglês, foram misturados, de modo aleatório, excertos de entrevistas com falantes nativos de origem australiana, norte-americana, inglesa e escocesa com os excertos das entrevistas dos falantes de L2. Após a conclusão de todas as avaliações, os registos dos avaliadores foram transformados em valores discretos, através da sobreposição de um acetato com uma linha de 9 cm dividida numa escala de 18 pontos (1 ponto por cada 0.5 cm). Os falantes de inglês L2 a quem todos os avaliadores atribuíram entre 17 e 18 pontos (os pontos dentro do primeiro cm a contar da ponta nativa) nos critérios sintaxe, morfologia e vocabulário e 15 ou mais pontos nos restantes critérios,¹⁰ com o máximo de uma exceção,¹¹ foram considerados quase nativos. Aqueles que não obtiveram pontuação para serem classificados como quase nativos e receberam, pelo menos, 16 pontos nos critérios sintaxe, morfologia e vocabulário e 13 ou mais pontos nos outros critérios, com o máximo de uma exceção, foram classificados como avançados.

¹⁰ Esta pontuação é semelhante à atribuída aos falantes nativos, que, ocasionalmente, receberam avaliações de 15 em critérios como fluência.

¹¹ As exceções são tipicamente no critério pronúncia.



4.3. Desenho experimental

Todos os participantes realizaram uma tarefa *drag and drop* (TDD) sem limite de tempo e uma tarefa de juízos de aceitabilidade rápida (TJAR), que cruzavam as seguintes variáveis: (i) tipo de sujeito nulo – sujeito referencial nulo *vs.* sujeito expletivo nulo – e (ii) tipo de oração – oração matriz *vs.* oração encaixada.¹² Todas as tarefas incluíam 6 itens por condição e 24 distratores. Em todos os itens experimentais, o sujeito era precedido por um PP ou AdvP e o verbo estava no passado simples. Nos itens experimentais que testavam sujeitos referenciais, os sujeitos estavam encaixados num contexto de manutenção de tópico e tinham um antecedente masculino [+animado] em metade dos itens e [-animado] na outra metade. A tabela 2 apresenta itens de exemplo.

Tipo de sujeito nulo	Tipo de oração	
	Matriz	Encaixada
Referencial	[-animado] The Midsteeple is an historic building which dates back to the 18th century. <i>In the past contained prison cells.</i>	The 2004 Indian Ocean tsunami is considered the deadliest natural disaster in history, <i>because in total killed 230 000 people.</i>
	[+animado] Mike Dumba was born in Austria and moved to the USA in the 1970s. <i>In 1982 purchased his first farm.</i>	Unfortunately our friend Nathan could not come to this year's MacMillan Ball, <i>because on Monday broke his left leg.</i>
Expletivo	At first, the scientific community did not understand the pattern of transmission of AIDS. <i>In the 1990s became clear that this disease is transmitted through body fluids.</i>	Steve Hill graduated in 1979 and immediately decided to start his own business, <i>because at that time was difficult to find a job in computer engineering.</i>

Tabela 2: Itens de exemplo

As tarefas experimentais utilizadas no estudo não tinham o mesmo grau de exigência. A TJAR exigia que os participantes avaliassem rapidamente a aceitabilidade de uma frase apresentada palavra por palavra no centro do ecrã a um ritmo de 400 ms por palavra.¹³ A avaliação era feita numa escala de 1 a 5, em que 1 correspondia a “totalmente inaceitável” e 5 a “totalmente aceitável”. A frase a ser avaliada era antecedida por um contexto linguístico, apresentado como um todo, sem restrições de tempo. Ao contrário da TJAR, a TDD não envolvia pressão de tempo. Aqui os participantes tinham de criar um mínimo de 1 e um máximo de 4 continuações para uma frase, ordenando os blocos de palavras que lhes eram fornecidos. Havia dois tipos de blocos: blocos obrigatórios, marcados a vermelho, e blocos opcionais, marcados a verde. Os últimos incluíam as seguintes opções: *he, him, himself* e *it*.

Dadas as suas características, a TDD e a TJAR podem captar diferentes tipos de conhecimento linguístico. Na TDD, os participantes têm tempo suficiente para aceder ao seu conhecimento explícito (i.e., conhecimento consciente e declarativo de regras gramaticais) e usá-lo para monitorizar as suas respostas. Em contraste, na TJAR, a apresentação rápida dos estímulos e a rapidez exigida no juízo de aceitabilidade impedem que os participantes cedam e usem o seu conhecimento explícito nas suas respostas. Segundo vários estudos psicométricos, neste tipo de tarefa, os participantes recorrem ou ao seu conhecimento implícito

¹² A variável (ii) foi incluída, porque Judy e Rothman (2010) e Judy (2011) encontraram um efeito de tipo de oração nos seus resultados.

¹³ Este é o ritmo tipicamente usado neste tipo de tarefas, uma vez que se assume que 400 ms é uma janela de tempo suficiente para os falantes completarem todos os processos de compreensão normais (cf. Bader & Häussler, 2010; Hopp, 2007).



(cf., Bowles, 2011; Ellis, 2005; Ellis *et al.*, 2009), i.e., conhecimento linguístico interiorizado e disponível para uso automático em compreensão e produção espontâneas, ou ao seu conhecimento explícito automatizado (cf., Kim & Nam, 2016; Suzuki & DeKeyser, 2017), i.e., conhecimento funcionalmente equivalente ao conhecimento implícito, mas que, ao contrário deste, não é completamente inconsciente. O uso destes diferentes tipos de tarefas é, assim, fundamental para obtermos um retrato completo do conhecimento linguístico dos falantes de inglês L2.

4.4. Análise dos dados

A análise estatística dos dados foi realizada com modelos de efeitos mistos, em que foram computados como efeitos fixos as variáveis grupo, tipo de sujeito e tipo de oração e como efeitos aleatórios as variáveis participantes e itens. Foram realizados dois tipos de análises com estes modelos: intra-sujeitos e inter-sujeitos. Os efeitos fixos foram codificados contrastivamente com os códigos 0.5 e -0.5 para comparar dois níveis do mesmo efeito fixo (e.g., grupo de controlo = 0.5 vs. grupo avançado de falantes de inglês L2 – PE L1=-0.5). Seguindo Cunnings (2012) e Linck e Cunnings (2015), as análises incluíram intercepções aleatórias para participantes e itens, declives aleatórios por participante para as variáveis intra-sujeitos e a sua interação e declives aleatórios por item para a variável grupo (mas apenas nas análises inter-grupos). A análise estatística foi conduzida em R, usando o pacote *lme4*. Mais especificamente, foi usada a função *lmer* (modelo misto linear) para a análise dos resultados da TJAR e a função *glmer* (modelo misto linear generalizado), com a especificação “family=binomial”, para a análise dos dados da TDD, uma vez que esta produz resultados binários – presença/ausência de sujeito nulo (codificados como sujeito nulo = 1 e não sujeito nulo = 0). Dado que a função *glmer* gera output com valores de *p* e a função *lmer* apenas gera valores de *t*, usámos como medidas de significância os valores de *p* e *t*. Como é habitual na literatura (cf. Linck & Cunnings, 2015), um efeito fixo foi considerado estatisticamente significativo sempre que *p* é inferior ou igual a 0.05 ou o valor absoluto de *t* é superior ou igual a 2.00.

5. Resultados

Na TDD, o grupo de falantes monolíngues de inglês, os grupos de aprendentes franceses de inglês e o grupo quase nativo de falantes portugueses de inglês produziram sujeitos nulos em 0 a 3% dos itens (cf. figura 1). Estes grupos optaram por usar pronomes plenos (em alternativa ou além de sujeitos nulos) em todos os itens experimentais (cf. figura 2). Embora o grupo de portugueses com nível avançado em inglês tenha produzido ligeiramente mais sujeitos nulos e menos sujeitos plenos do que os restantes grupos, a diferença entre este grupo e o dos monolíngues não é estatisticamente significativa (dif. entre os dois grupos relativamente a cada tipo de sujeito: $p \geq 0.898$). Por isso, podemos concluir que todos os grupos de L2 tiveram um desempenho alvo na TDD.

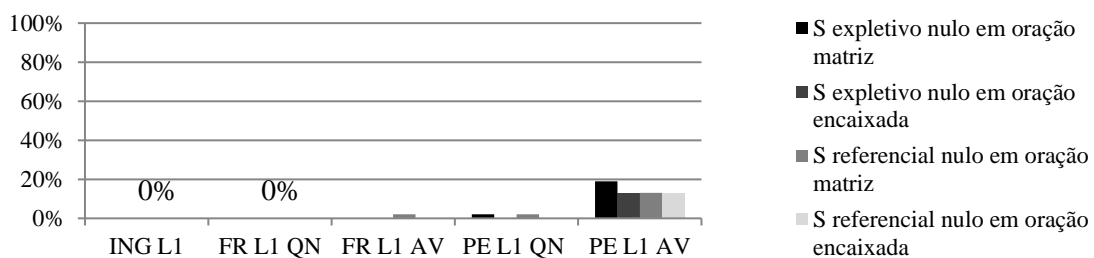


Figura 1: % de sujeitos nulos produzidos na TDD por tipo de sujeito e de oração



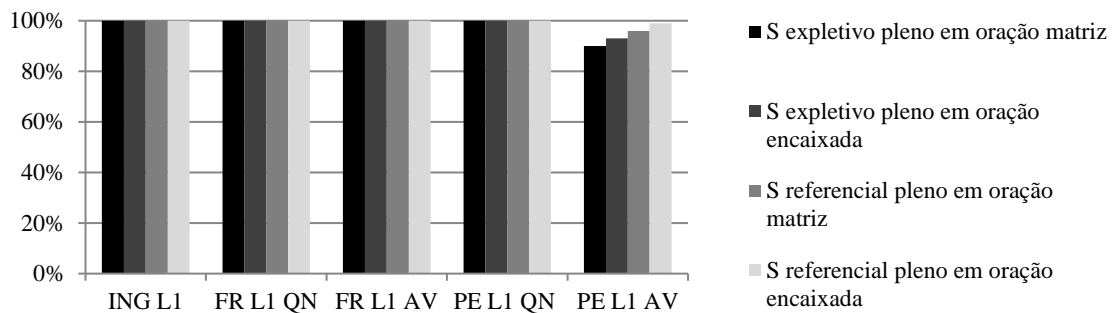


Figura 2: % de sujeitos plenos produzidos na TDD por tipo de sujeito e de oração

Na TJAR, todos os grupos de L2 tiveram um comportamento convergente com o dos monolíngues, exceto o grupo de falantes de PE com nível avançado em inglês (cf. tabela 3). Como mostra a figura 3, este grupo aceitou sujeitos nulos significativamente mais do que os falantes monolíngues de inglês (estimativa=1.47653, erro padrão (EP)=0.24935, $t=5.922^a$), independentemente do tipo de sujeito e do tipo de oração (nenhuma interação significativa entre a variável “grupo” e as variáveis “tipo de sujeito” e/ou “tipo de oração”: $t_s < -1.772$). Dado que os falantes nativos de francês que tinham um nível de proficiência avançado em inglês tiveram um desempenho alvo na TJAR, podemos afastar a possibilidade de os problemas dos portugueses com nível avançado terem origem em fatores extra-gramaticais (e.g., ritmo excessivamente rápido da tarefa para a velocidade de leitura de um falante avançado). A sua origem parece ser interna à gramática.

Grupos	Efeito fixo de grupo		
	Estimativa	EP	t
Monolíngues vs. Portugueses com nível avançado em inglês	1.47653	0.24935	5.922 ^a
Monolíngues vs. Portugueses com nível quase nativo em inglês	0.21045	0.24038	0.876
Monolíngues vs. Franceses com nível avançado em inglês	0.03878	0.21332	0.182
Monolíngues vs. Franceses com nível quase nativo em inglês	-0.194363	0.218578	-0.889

^a Estatisticamente significativo

Tabela 3: Efeito fixo de grupo na TJAR

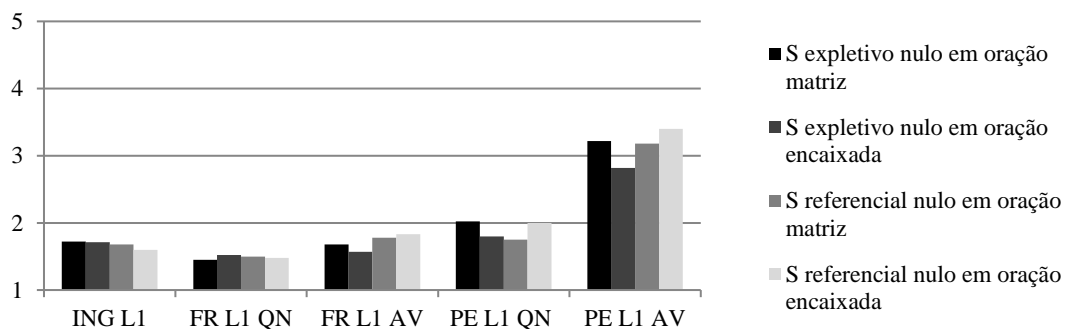


Figura 3: Média de aceitação de sujeitos nulos na TJAR por tipo de sujeito e tipo de oração



A análise intra-grupo dos resultados dos portugueses com nível avançado em inglês indica que, na TJAR, não fizeram qualquer distinção entre orações encaixadas e matriz (estimativa=-0.3088, EP=0.2056, $t=-1.502$), por um lado, e entre sujeitos nulos referenciais e expletivos (estimativa=-0.2647, EP=0.2162, $t=-1.224$), por outro. Os seus resultados não estão, por isso, de acordo com os obtidos em estudos prévios sobre sujeitos nulos em inglês L2. Recorde-se que, nos trabalhos de Judy (2011), Judy e Rothman (2010) e Prentza e Tsimpli (2013), brevemente descritos na secção 3, foi encontrada uma assimetria entre sujeitos referenciais e expletivos em gramáticas avançadas de LSN L1- inglês L2: os aprendentes avançados testados por estes autores aceitavam sujeitos expletivos nulos, particularmente em orações matriz, mas tendiam a rejeitar (em Judy, 2011; Judy & Rothman, 2010) ou a aceitar muito marginalmente (em Prentza & Tsimpli, 2013) sujeitos referenciais nulos. Possivelmente, os participantes testados no presente trabalho não exibiram o mesmo padrão de comportamento, porque as suas tarefas experimentais incluíam sujeitos referenciais nulos não só com antecedentes [+animados], mas também com um tipo de antecedente nunca usado em estudos anteriores: antecedentes [-animados].

A análise estatística dos resultados do grupo de portugueses com nível avançado em inglês revela que a animacidade do antecedente, de facto, influenciou os seus juízos sobre a (in)aceitabilidade dos sujeitos referenciais nulos em inglês. Tal como a figura 4 ilustra, estes falantes aceitaram sujeitos referenciais nulos significativamente mais quando o seu antecedente era [-animado] do que quando era [+animado] (estimativa=0.5147, EP=0.2047, $t=2.515$). Nos casos em que o antecedente era [-animado], o nível de aceitação de sujeitos referenciais nulos foi idêntico ao nível de aceitação de sujeitos expletivos nulos (estimativa=-0.007353, EP=0.225849, $t=-0.033$). Por seu lado, nos casos em que o antecedente era [+animado], o nível de aceitação de sujeitos referenciais nulos foi significativamente menor do que o nível de aceitação de expletivos nulos (estimativa=-0.5221, EP=0.2475, $t=-2.109$), o que está em linha com os resultados dos estudos de Judy (2011), Judy e Rothman (2010) e Prentza e Tsimpli (2013). Crucialmente, o comportamento dos falantes de PE alterou-se no nível quase nativo. Como se pode ver na figura 4, ao contrário dos falantes de PE com nível avançado em inglês, os quase nativos não fizeram qualquer distinção entre sujeitos nulos [+animados] e [-animados] (estimativa=0.04545, EP=0.20362, $t=0.223$). Rejeitaram ambos os sujeitos, tal como os falantes nativos de inglês o fizeram.

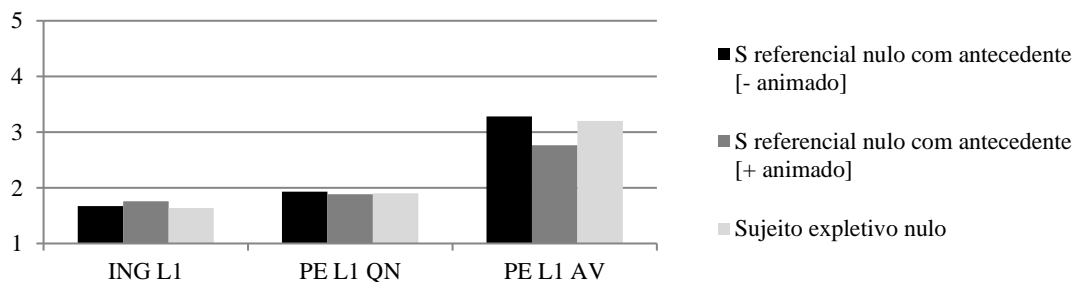


Figura 4: Média de aceitação de sujeitos nulos [± animados] e expletivos na TJAR

Consideremos, por fim, os resultados individuais dos aprendentes portugueses de inglês na TJAR (cf. tabela 4). Estes resultados mostram que os aprendentes que aceitaram ou, pelo menos, não rejeitaram sujeitos referenciais nulos em inglês L2 (ausência de rejeição = mediana ≥ 3) também não rejeitaram expletivos nulos. Contudo, nem todos os aprendentes que admitiram sujeitos expletivos nulos permitiram sujeitos referenciais nulos. Há um aprendente (participante 11) que aceitou expletivos nulos, mas só permitiu sujeitos referenciais nulos [-animados]. Há ainda dois aprendentes (participantes 08 e 20) que, apesar de não rejeitarem expletivos nulos, classificaram todos os tipos de sujeitos referenciais nulos como agramaticais.



<i>Nível de proficiência</i>	<i>Participante</i>	<i>S expletivo nulo</i>	<i>S referencial nulo [-animado]</i>	<i>S referencial nulo [+animado]</i>
Avançado	01	*	*	*
	02	*	*	*
	03	*	*	*
	04	C	C	C
	05	*	*	*
	06	*	*	*
	07	*	*	*
	08	*	C	C
	09	C	C	C
	10	C	C	C
	11	*	*	C
	12	*	*	*
	13	C	C	C
	14	C	C	C
	15	*	*	*
	16	*	*	*
	17	*	*	*
Quase nativo	18	C	C	C
	19	C	C	C
	20	*	C	C
	21	C	C	C
	22	*	*	*
	23	C	C	C
	24	C	C	C
	25	C	C	C
	26	C	C	C
	27	C	C	C
	28	*	*	*

Legenda: *= mediana ≥ 3 ; C= mediana < 3

Tabela 4: Resultados individuais dos aprendentes portugueses de inglês L2 na TJAR

Em síntese, enquanto todos os grupos de falantes nativos de francês tiveram um desempenho alvo no presente estudo, os falantes de PE tiveram um comportamento diferente consoante o seu nível de proficiência. Os que se encontravam num nível avançado exibiram problemas, em particular no que diz respeito à agramaticalidade de sujeitos nulos expletivos e [-animados], na tarefa em que estavam sob pressão de tempo. Já os falantes de PE com nível quase nativo em inglês tiveram um desempenho igual ao dos falantes monolíngues de inglês em todas as tarefas e condições.

6. Discussão

Em conjunto, os resultados do presente estudo sugerem que a sintaxe dos sujeitos pode exibir grandes atrasos de desenvolvimento dependendo da combinação de L1-L2, mas é completamente adquirível em L2. Por um lado, o facto de o grupo de portugueses com nível avançado em inglês ter um desempenho convergente na TDD e divergente na TJAR indica que as configurações da L1 para o PSN ainda competem com as configurações da L2 e que, portanto, a sintaxe dos sujeitos ainda não está adquirida num estágio de desenvolvimento avançado. Este resultado confirma, assim, que a sintaxe dos sujeitos é difícil de adquirir em pares de línguas em que a L1 é uma LSN, como o PE, e a L2 uma LSO obrigatório, como o inglês, o que está em linha com os resultados dos estudos de Judy e Rothman (2010), Judy (2011) e Prentza e Tsimpli (2013). Por outro lado, o facto de os portugueses falantes quase nativos de inglês L2 terem um desempenho



convergente com o do grupo monolíngue em todas as tarefas e condições constitui evidência de que, como a HI prediz, e ao contrário do que Judy e Rothman (2010) e Judy (2011) propõem, a sintaxe dos sujeitos pronominais é totalmente adquirível em inglês L2, independentemente das características da L1. Crucialmente, a descoberta de que os falantes nativos de uma LSN como o PE conseguem convergir com a língua alvo no nível quase nativo é consistente com a ideia de que há evidência no input do inglês capaz de desencadear a refixação do PSN dos valores associados a uma gramática de sujeito nulo para os valores associados a uma gramática de sujeito obrigatório.

Antes de reconfigurarem o PSN para os valores do inglês, os aprendentes portugueses de inglês não tratam todos os tipos de sujeito nulo do mesmo modo. Aceitam mais expletivos nulos e sujeitos referenciais nulos [-animados] do que sujeitos referenciais nulos [+animados]. Os resultados individuais dos falantes de PE sugerem ainda que poderão existir as seguintes relações implicacionais entre os diferentes tipos de sujeito nulo nas gramáticas de inglês L2: uma gramática que permite sujeitos referenciais nulos [+animados] também admite necessariamente sujeitos nulos [-animados], mas o inverso não ocorre. Por sua vez, uma gramática que permite sujeitos referenciais nulos [-animados] também admite forçosamente sujeitos nulos expletivos, mas o inverso não ocorre. Estas relações são apresentadas esquematicamente em (6).

- (6) *Relações implicacionais entre os diferentes tipos de sujeitos nulos nas gramáticas de PE L1 - inglês L2:*
 S referencial nulo [+animado] → S referencial nulo [-animado] → S expletivo nulo

O facto de a aceitação de sujeitos referenciais nulos implicar a aceitação de expletivos nulos e de o inverso não ocorrer pode explicar-se, à luz do modelo micro-paramétrico do PSN proposto por Sheehan (2007), como uma consequência do facto de a possibilidade de expletivos nulos depender exclusivamente de um valor negativo para o micro-parâmetro de interpretabilidade em PF e de a possibilidade de sujeitos referenciais nulos depender não só do mesmo valor para este micro-parâmetro, mas também de um valor positivo para um outro micro-parâmetro, o de concordância rica. A influência da L1, por seu lado, poderá explicar o porquê de a aceitação de sujeitos referenciais nulos [-animados] não implicar a aceitação de sujeitos do mesmo tipo [+animados] e o porquê de os aprendentes portugueses de inglês terem médias idênticas de aceitação de sujeitos nulos expletivos e [-animados], que, em ambos os casos, são mais elevadas do que as médias de aceitação de sujeitos nulos [+animados]. Recorde-se que, conforme descrito na secção 2, uma gramática de sujeito nulo consistente como a do PE consegue gerar sujeitos pronominais [+animados] quer plenos quer nulos, mas tende a preferir o pronome pleno quando a interpretação do sujeito nulo equivalente é potencialmente ambígua. Atendendo a que a pobreza da flexão verbal do inglês cria ambiguidade na interpretação de sujeitos nulos (e.g., na frase ‘[-] love ice-cream’, o sujeito nulo pode referir-se a qualquer pessoa, exceto à 3.^a pessoa do singular), se o aprendente seguir as preferências da sua L1, tenderá a preferir sujeitos [+animados] plenos a sujeitos nulos, mesmo que os valores da L1 para o PSN continuem a operar nas suas interlínguas. Não é de esperar que aconteça o mesmo com sujeitos expletivos e sujeitos referenciais [-animados], porque ambos são quase sempre nulos em PE. Por este motivo, se as interlínguas estiverem ainda sob influência da L1, é provável que permitam sujeitos [-animados] e/ou expletivos nulos.

Significativamente, o comportamento dos falantes de PE em relação aos sujeitos referenciais [-animados] e [+animados] em inglês L2 é semelhante ao padrão de mudança linguística na diacronia do PB. Vários estudos (cf. Cyrino, Duarte, & Kato, 2000; Duarte, Mourão, & Mendonça, 2012) têm mostrado que os sujeitos nulos [+animados] foram perdidos mais rapidamente e em maior extensão nesta língua do que os sujeitos nulos [-animados]. Em conjunto, estes dados diacrónicos e os dados de L2 apresentados neste estudo sugerem que quanto mais forte é a preferência por um determinado tipo de sujeito nulo, menos permeável este é a mudanças nos sistemas linguísticos.



facto de, tipicamente, *it's*, *there is*, *there are* serem inicialmente aprendidos/ensinados como fórmulas (i.e., como um todo indivisível).

Apesar de difícil, a aquisição da sintaxe dos sujeitos pronominais é possível em inglês L2, porque os problemas na análise dos expletivos realizados no input são temporários. Num determinado momento do percurso de aquisição, depois de terem desenvolvido suficientemente o seu conhecimento baseado em regras, os falantes de LSN L1 – inglês L2 deixam de analisar incorretamente os sujeitos expletivos que ocorrem no input da língua alvo e passam a notar que o inglês exige que estes sujeitos sejam realizados foneticamente. Provavelmente, é esta a evidência responsável por pôr em marcha o processo de refixação do PSN. Como os resultados do presente estudo mostram, os valores da L1 para os microparâmetros associados ao PSN não são substituídos imediatamente pelos da L2. Os valores da L1 competem com os da L2 durante um certo período de tempo, mas, crucialmente, só os valores da L2 acabam por sobreviver no nível de competência mais avançado que pode ser alcançado numa L2: o nível quase nativo.

A hipótese formulada nesta secção, a que chamaremos Hipótese de Análise Incorreta do Expletivo, faz duas predições testáveis:

- i. Se os aprendentes de L2 analisarem *it's* como equivalente a *is* numa frase como “it’s raining”, deverão permitir *it's* como uma forma verbal em contextos em que os falantes nativos usam *is* (e.g., “the house it’s beautiful”);
- ii. Se existir uma relação causa-efeito entre os problemas na análise de (alguns) sujeitos expletivos e a aceitação de sujeitos nulos em inglês, então os aprendentes que aceitarem o uso de *it's* como um verbo deverão também permitir sujeitos nulos e aqueles que rejeitarem este uso de *it's* deverão rejeitar também sujeitos nulos em inglês.

A fim de testar estas predições e, por extensão, a Hipótese de Análise Incorreta do Expletivo, realizámos uma experiência exploratória com falantes de PE L1 – inglês L2. O seu desenho e resultados são apresentados na secção seguinte.

7. Estudo exploratório

O estudo exploratório visa examinar as seguintes questões:

- i. Será que os aprendentes portugueses de inglês aceitam que *it's* seja usado como uma forma verbal nos níveis intermédio (B2) e avançado baixo (C1)?
- ii. Será que os aprendentes portugueses de inglês que aceitam o uso de *it's* como uma forma verbal também aceitam sujeitos expletivos nulos em inglês?
- iii. Será que os aprendentes portugueses de inglês que rejeitam o uso de *it's* como uma forma verbal também rejeitam sujeitos expletivos nulos em inglês?

Estas questões foram investigadas através de uma TJAR, visto que este foi o tipo de tarefa que melhor captou as dificuldades dos aprendentes no estudo principal. A tarefa testou duas condições: (i) *it's* em frases com a ordem *sujeito + it's + AdjP* e (ii) sujeitos expletivos nulos em oração encaixada. A tarefa incluía 6 itens experimentais por condição e 34 distratores. A tabela 5 apresenta exemplos de itens experimentais.



Expletivos nulos	“it’s” no lugar de “is”
Contexto: Why didn't these countries seek the approval of the United Nations (UN)? <i>Because at the time was clear that the UN was against their proposal</i>	Contexto: Do you like this movie? <i>No. The storyline it's boring and predictable.</i>

Tabela 5: Itens de exemplo do estudo exploratório

Participaram nesta experiência 10 falantes monolíngues de inglês e 21 falantes nativos de PE. Os últimos foram divididos em dois grupos consoante o seu nível de proficiência em inglês, o qual foi avaliado através do *Oxford Quick Placement Test* (University of Cambridge Local Examination Syndicate & Oxford University, 2001). O grupo intermédio (nível B2) era formado por 11 estudantes universitários com idades compreendidas entre os 18 e os 28 anos. O grupo avançado baixo (nível C1) era constituído por 10 estudantes da mesma universidade com idades entre os 18 e os 24 anos. Os detalhes sobre o seu perfil linguístico são apresentados na tabela 6.

Grupo	Idade		Idade de início de exposição regular ao inglês		Anos de aprendizagem do inglês		Anos de residência em países anglófonos	
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão
B2	19.73	2.73	7.27	1.48	11.36	2.23	0	0
C1	20.30	1.85	8.20	1.40	9	1.48	0.1	0.3
Controlos	30.22	1.59	-	-	-	-	-	-

Tabela 6: Dados biográficos dos participantes

Os resultados da TJAR, que são apresentados na figura 5, mostram que, em PE L1 - inglês L2, o uso de *it's* como uma forma verbal é claramente aceite num estágio intermédio de aquisição, tal como a Hipótese de Análise Incorreta de Expletivo prediria. No entanto, o nível de aceitação deste uso de *it's* diminui significativamente num estágio avançado (estimativa= -1.5924, EP= 0.4666, $t = -3.413$),¹⁶ atingindo uma média de 2.98 (numa escala de 1 a 5), o que indica que, neste estágio, o uso de *it's* como *is* nem é aceite nem é consistentemente rejeitado. A aceitação de sujeitos expletivos nulos é também elevada no estágio intermédio de aquisição de inglês L2 e diminui significativamente no nível avançado baixo (estimativa=-0.9758, EP=0.4362, $t = -2.237$), acompanhando, assim, o declínio na aceitação do uso de *it's* como uma forma verbal. Ao contrário dos falantes de PE, os falantes nativos de inglês rejeitam claramente quer sujeitos expletivos quer o uso de *it's* no lugar de *is*.

¹⁶ A análise estatística foi conduzida usando um modelo linear de efeitos mistos com efeitos aleatórios cruzados para sujeitos e itens.



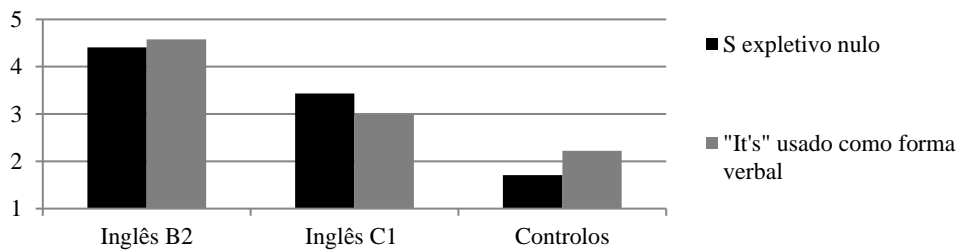


Figura 5: Média de aceitação de sujeitos expletivos nulos e de *it's* na TJAR

Quando consideramos os resultados individuais dos aprendentes de inglês L2, torna-se claro que existe uma relação entre a aceitabilidade de *it's* como uma forma verbal e a possibilidade de expletivos nulos. Nos dois grupos de L2, os aprendentes que não rejeitaram o uso de *it's* no lugar de *is* (ausência de rejeição = mediana ≥ 3) também não rejeitaram expletivos nulos e vice-versa. Há apenas uma exceção a esta regra: um aprendente de nível avançado aceitou expletivos nulos, mas rejeitou as frases com *it's*. Este caso excepcional representa apenas 5% dos aprendentes testados.

Em conjunto, os resultados individuais e de grupo sugerem que os aprendentes portugueses de inglês analisam *it's* como sendo sintaticamente equivalente a *is* até um nível intermédio de proficiência e apenas começam a abandonar esta análise (embora não de forma consistente) num nível avançado. Os resultados sugerem ainda que os sujeitos expletivos nulos são possíveis quase exclusivamente nas interlínguas dos aprendentes que não analisam *it's* corretamente. Estes resultados são, por isso, consistentes com a hipótese de que os aprendentes portugueses de inglês adquirem a sintaxe dos sujeitos tarde porque não analisam corretamente algumas das sequências com a ordem *sujeito expletivo + verbo* até estádios relativamente tardios de aquisição, acabando por ignorar a presença de (alguns) sujeitos expletivos realizados no input da L2. Por outras palavras, ignoram a evidência chave para desencadear a refixação do PSN.

8. Conclusão

Em conclusão, os resultados do presente trabalho indicam que, ao contrário do que tem vindo a ser sugerido em estudos anteriores (e.g., Judy & Rothman, 2010; Judy, 2011; Prentza & Tsimpli, 2013), a sintaxe dos sujeitos pronominais é completamente adquirível mesmo em pares de línguas que geram problemas prolongados, como os pares LSN L1 – inglês L2. Este trabalho fornece, assim, nova evidência a favor da hipótese formulada por Sorace e Filiaci (2006) de que as propriedades estritamente sintáticas são inteiramente adquiríveis em L2. Apesar de ser adquirível, a sintaxe dos sujeitos pronominais está sujeita a grandes atrasos de desenvolvimento nas combinações LSN L1 – inglês L2. Em geral, só é completamente adquirida num estádio quase nativo. Provavelmente, isto acontece porque (alguns dos) sujeitos expletivos realizados no input da L2 – a evidência chave para despoletar a reconfiguração do PSN em LSN L1-inglês L2 – são analisados incorretamente como parte de uma forma verbal (e.g., *it's = is*) até estádios relativamente tardios. A evidência que apoia esta hipótese, a que chamamos Hipótese de Análise Incorreta do Expletivo, vem de um estudo exploratório que mostra que os aprendentes portugueses de inglês admitem o uso de *it's* como um verbo mesmo num nível avançado de proficiência. Embora atraente, esta hipótese ainda precisa de ser investigada com um maior número de falantes com diferentes L1 e níveis de proficiência, antes de podermos chegar a conclusões mais firmes sobre a sua validade.



Referências

- Al-Kasey, T., & Pérez-Leroux, A. T. (1998) Second language acquisition of Spanish null subjects. In S. Flynn, G. Martohardjono, & W. O'Neil (Eds.), *The generative study of second language acquisition* (pp. 161-185). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Bader, M., & Häussler, J. (2010) Toward a model of grammaticality judgments. *Journal of Linguistics*, 46(2), pp. 273-330.
- Barbosa, P., Duarte, M. E., & Kato, M. (2005) Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4, pp. 11-52.
- Belletti, A., Bennati, E., & Sorace, A. (2007) Theoretical and developmental issues in the syntax of subjects: Evidence from near-native Italian. *Natural Language & Linguistic Theory*, 25(4), pp. 657-689.
- Biberauer, T., Holmberg, A., Roberts, I., & Sheehan, M. (2010) *Parametric variation: Null subjects in minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bowles, M. (2011). Measuring implicit and explicit linguistic knowledge: What can heritage language learners contribute? *Studies in Second Language Acquisition*, 33(2), pp. 247-271.
- Burzio, L. (1986). *Italian syntax*. Dordrecht: Reidel.
- Carminati, M. N. (2002) *The processing of Italian subject pronouns*. (PhD thesis), University of Massachusetts, Amherst.
- Carrilho, E. (2005) *Expletive 'ele' in European Portuguese dialects*. (PhD thesis), Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Chomsky, N. (1981) *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- Cunnings, I. (2012) An overview of mixed-effects statistical models for second language researchers. *Second Language Research*, 28(3), pp. 369-382.
- Cyrino, S., Duarte, M. E., & Kato, M. (2000) Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In M. Kato & E. Negrão (Eds.), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter* (pp. 55-104). Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana.
- Duarte, M. E., Mourão, G., & Mendonça, H. (2012) Os sujeitos de terceira pessoa: Revisitando Duarte (1993). In M. E. Duarte (Ed.), *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): Estudos diacrônicos* (pp. 21-44). São Paulo: Parábola Ed.
- Ellis, R. (2005) Measuring implicit and explicit knowledge of a second language: A psychometric study. *Studies in Second Language Acquisition*, 27(2), pp. 141-172.
- Ellis, R., Loewen, S., Elder, C., Philp, J., Reinders, H., & Erlam, R. (2009) *Implicit and explicit knowledge in second language learning, testing and teaching*. Bristol: Multilingual Matters.
- Haegeman, L. (1990) Non-overt subjects in diary contexts. In J. Mascaró & M. Nespó (Eds.), *Grammar in Progress: GLOW essays for Henk van Riemsdijk* (pp. 167-174). Dordrecht: Foris.
- Haegeman, L. (1999) Adult null subjects in non pro-drop languages. In M.-A. Friedemann & L. Rizzi (Eds.), *The acquisition of syntax: Studies in comparative developmental linguistics* (pp. 329-346). London: Addison, Wesley and Longman.
- Haegeman, L. (2013) The syntax of registers: Diary subject omission and the privilege of the root. *Lingua*, 130, pp. 88-110.
- Haegeman, L., & Guéron, J. (1999) *English grammar: A generative perspective*. Malden, MA: Blackwell.
- Hilles, S. (1986). Interlanguage and the pro-drop parameter. *Second Language Research*, 2(1), pp. 33-52.
- Hopp, H. (2007) *Ultimate attainment at the interfaces in second language acquisition: Grammar and processing*. (PhD diss.), University of Groningen, Netherlands.
- Judy, T. (2011) L1/L2 parametric directionality matters: More on the Null Subject Parameter in L2 acquisition. *EUROSLA Yearbook*, 1, pp. 165-190.



- Judy, T., & Rothman, J. (2010) From a superset to a subset grammar and the semantic compensation hypothesis: Subject pronoun and anaphora resolution evidence in L2 English. *BUCLD 34: Proceedings of the 34th annual Boston University Conference on Language Development* (pp. 197-208). Somerville, MA: Cascadilla Press.
- Kim, J.-e., & Nam, H. (2016) Measures of implicit knowledge revisited: Processing modes, time pressure, and modality. *Studies in Second Language Acquisition*, 39(3), pp. 431-457.
- Liceras, J. (1989) On some properties of the “pro-drop” parameter: Looking for missing subjects in non-native Spanish. In S. M. Gass & J. Schachter (Eds.), *Linguistic perspectives on second language acquisition* (pp. 109-133). Cambridge: Cambridge University Press.
- Linck, J., & Cunnings, I. (2015) The utility and application of mixed-effects models in second language research. *Language Learning*, 65, pp. 185-207.
- Lobo, M. (2013) Sujeito nulo: Sintaxe e interpretação. In E. B. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. C. d. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do português* (pp. 2309-2335). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lobo, M. (2016) Sujeitos nulos: Gramática do adulto, aquisição de L1 e variação dialetal. In A. M. Martins & E. Carrilho (Eds.), *Manual de linguística portuguesa* (pp. 459-481). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Lobo, M., & Martins, A. M. (2017) Subjects. In A. Dufter & E. Stark (Eds.), *Manual of Romance morphosyntax and syntax* (pp. 27-88). Berlin/Boston: De Gruyter.
- Lozano, C. (2003) *Universal Grammar and focus constraints: The acquisition of pronouns and word order in non-native Spanish*. (PhD thesis), University of Essex, United Kingdom.
- Madeira, A., Xavier, M. F., & Crispim, M. d. L. (2009) A aquisição de sujeitos nulos em português L2. *Estudos da Língua(gem) / Estudos em Aquisição de L1 e L2*, 7(2), pp. 163-198.
- Manzini, R., & Wexler, K. (1987) Parameters, Binding Theory and learnability. *Linguistic Inquiry*, 18(3), pp. 413-444.
- Meisel, J. M. (2008) Child second language acquisition or successive first language acquisition? In B. Haznedar & E. Gavruseva (Eds.), *Current trends in child second language acquisition: A generative perspective* (pp. 55-80). Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins
- Montalbetti, M. (1984) *After binding*. (PhD thesis), MIT, USA.
- Morgado, S., Luegi, P., & Lobo, M. (2018) Efeitos de animacidade do antecedente na resolução de pronomes sujeito. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 4, pp. 190-205.
- Pérez-Leroux, A. T., & Glass, W. (1999) Null anaphora in Spanish second language acquisition: Probabilistic versus generative approaches. *Second Language Research*, 15, pp. 220-249.
- Phinney, M. (1987) The pro-drop parameter in second language acquisition. In T. Roeper & E. Williams (Eds.), *Parameter setting* (pp. 221-238). Dordrecht: Reidel.
- Prentza, A. (2013) Pronominal subjects in English L2 acquisition and in L1 Greek: Issues of interpretation, use and L1 transfer. In N. Lavidas, T. Alexiou, & A. M. Sougari (Eds.), *Major trends in theoretical and applied linguistics 2: Selected papers from the 20th ISTAL*. London: Versita.
- Prentza, A., & Tsimpli, I. (2013) The interpretability of features in second language acquisition: Evidence from null and postverbal subjects in L2 English. *Journal of Greek Linguistics*, 13, pp. 323-365.
- Rizzi, L. (1982) *Issues on Italian syntax*. Dordrecht: Foris.
- Rizzi, L. (1986) Null objects in Italian and the theory of pro. *Linguistic Inquiry*, 17(3), pp. 501-557.
- Roberts, I., & Holmberg, A. (2010) Introduction: Parameters in minimalist theory. In T. Biberauer, A. Holmberg, I. Roberts, & M. Sheehan (Eds.), *Parametric variation: Null subjects in minimalist theory* (pp. 1-58). Cambridge: Cambridge University Press.
- Rothman, J., & Iverson, M. (2007a) On L2 clustering and resetting the null subject parameter in L2 Spanish: Implications and observations. *Hispania*, 90(2), pp. 329-342.



- Rothman, J., & Iverson, M. (2007b) The syntax of null subjects in L2 Spanish: Comparing two L2 populations under different exposure. *Revista Española de Lingüística Aplicada*, 20, pp. 185-214.
- Schwartz, B. D., & Sprouse, R. (1996) L2 cognitive states and the Full Transfer/Full Access model. *Second Language Research*, 12, pp. 40-72.
- Sheehan, M. (2007) *The EPP and null subjects in Romance*. (PhD thesis), Newcastle University, United Kingdom.
- Sorace, A. (2003) Near-nativeness. In C. J. Doughty & M. Long (Eds.), *The handbook of second language acquisition* (pp. 130-151). Oxford: Blackwell.
- Sorace, A. (2011) Pinning down the concept of ‘interface’ in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 1, pp. 1-33.
- Sorace, A. (2016) Referring expressions and executive functions in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 6(5), pp. 669-684.
- Sorace, A., & Filiaci, F. (2006) Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research*, 22(3), pp. 339-368.
- Suzuki, Y., & DeKeyser, R. M. (2017) The interface of explicit and implicit knowledge in a second language: Insights from individual differences in cognitive aptitudes. *Language Learning*, 67(4), pp. 747-790.
- Tsimpili, I., & Roussou, A. (1991) Parameter-resetting in second language. *UCL Working Papers in Linguistics*, 3, pp. 149-170.
- University of Cambridge Local Examination Syndicate, & Oxford University. (2001) *Quick placement test*. Oxford: Oxford University Press.
- White, L. (1985) The “pro-drop” parameter in adult second language acquisition. *Language Learning*, 35(1), pp. 47-61.
- White, L., & Genesee, F. (1996) How native is near-native? The issue of ultimate attainment in adult second language acquisition. *Second Language Research*, 12(3), pp. 233-265.

